



CCB

7 A 9 FEV 25

**MAURICE
ACCOMPAGNÉ
COMPANHIA
PAULO RIBEIRO**

Maurice Accompagné © Ana Rochanene

**ARTES
PERFORMATIVAS
E PENSAMENTO**

Temporada 2024/2025

Dança

Pequeno Auditório

Sexta, 20h / Sábado, 19h / Domingo, 17h

M/6

Duração aproximada: 60 min.

Coreografia e direção artística **Paulo Ribeiro**

Coordenação musical **Luís Tinoco**

Assistente do coreógrafo **Ana Moreno**

Interpretação **Diogo M. Santos, Francisco Ferreira, Liliana Oliveira,**

Marta Cardoso, Rodrigo Loureiro

Desenho de luz **Nuno Meira**

Figurinos **José António Tenente**

Música

Luís de Freitas Branco (1890–1955)

A Morte de Manfredo; Vathek: VII Variação IV: Palácio dos Perfumes

Maurice Ravel (1875–1937)

Miroirs M. 43: IV. Alborada del gracioso em Ré menor

Concerto para Piano em Sol Maior, M. 83: III. Presto

Sonata para Violino e Piano em Sol Maior, M. 77: II. Blues. Moderato

Concerto para Piano em Sol Maior, M. 83: II. Adagio assai

Pavane pour une infante défunte, M. 19a

Sonata para Violino e Violoncelo em Lá menor, M. 73: II. Très Vif

Produção **Companhia Paulo Ribeiro**

Coprodução **Centro Cultural de Belém, Teatro Nacional São João,**

Convento São Francisco

A Companhia Paulo Ribeiro é uma estrutura financiada por República Portuguesa/Direção-Geral das Artes, com o apoio de Câmara Municipal de Cascais/Fundação Dom Luís I, Fundação “la Caixa”/BPI.

A DANÇA DOS AMANTES

ENTREVISTA DE CLAUDIA GALHÓS

Maurice Accomagné inicia a trilogia que Paulo Ribeiro dedica à moldura temporal de um século. Vai de 1920, que trata nesta obra, até à actualidade. Neste ano, 2025, em que a Companhia Paulo Ribeiro celebra 30 anos da sua fundação, tem prevista a estreia da segunda obra da trilogia, no âmbito do Festival de Dança de Cannes (França), mas salta a ordem temporal e vai dedicar-se à actualidade. Para o ano, deixa o mergulho coreográfico e musical nos anos 1960 do século passado.

CLÁUDIA GALHÓS (CG): *Maurice Accomagné* foca-se no período entre guerras. Que anos 20 são estes desta peça?

PAULO RIBEIRO (PR) Este *Maurice* é sobre o espírito do tempo, a liberdade, a ideia da pessoa se virar para si própria, de se encontrar na relação com o corpo de um modo mais verdadeiro. Há o quebrar de códigos, romper com o passado, um reencontro consigo e com o outro. Fui muito por aí. Às vezes brinco a dizer que esta peça é a minha *A Sagração da Primavera*. Há também um lado ritualístico, a ligação ao chão, e o corpo que se transcende. É o músculo que se torna espírito, que se eleva. Há também um surrealismo, de que gosto muito, em que, subitamente, acontece algo que parece não fazer sentido. A liberdade é assumida, mas discreta, diluída na complexidade da coreografia, com imensa composição, que também se dedica e olha muito para a música. É talvez a mais musical das minhas peças. Foquei-me em compor a coreografia em função da música. Mesmo com vontade e prazer de me inscrever na música, de inscrever aqueles corpos na música. Isso acontece também por estar a trabalhar com intérpretes jovens, que são muito performáticos, têm muita plasticidade, muita técnica, muita entrega.

CG: Por via dos dois compositores que escolheste trabalhar — Maurice Ravel e Luís de Freitas Branco —, há aqui uma relação entre Portugal e França, que também traduz um pouco o teu percurso e as tuas influências.

PR: Aqui há França, mas no próximo vai ser Portugal e Países Baixos, se formos pelos compositores com quem trabalho. Portugal era um país muito fechado nessa altura, completamente à margem do resto do mundo. Mas é interessante que o Freitas Branco, não. Era um homem muito próximo da cultura musical francesa. O irmão dele, o Pedro de Freitas Branco, trabalhou

muito em França, era o maestro favorito de Ravel. O Luís gostava de Erik Satie, de Debussy, com quem contactou em França. São factos que não se sabem muito fora do círculo dos melómanos. Uso duas peças do Freitas Branco, *A Morte de Manfred* e o *Palácio dos Perfumes*. Esta lembra Philip Glass. Ele era realmente visionário. Foi muito interessante também descobrir a densidade deste compositor e de Ravel, para além daquele Ravel mais conhecido. No início tinha a ideia de pesquisar sobre as vidas e as realidades dos dois, mas acabei por ir mais à música e a um espírito do tempo, porque o que eles tinham em comum era o facto de ambos pertencerem a uma elite da sociedade. Foram pessoas que nunca se preocuparam em ter o pão na mesa.

CG: A Companhia Paulo Ribeiro faz 30 anos este ano. No teu repertório há muitas peças em que abordas, de formas diversas, a relação da dança com a música, nunca de forma convencional. É curioso, nesta, a música inspirar o movimento.

PR: Sempre disse que somos ambos autónomos. A coreografia não deve ser subserviente em relação à música. Somos como dois amantes que se passeiam de mãos dadas, mas cada um com a sua personalidade e com o seu mundo. Continua a ser assim, mas, neste caso, há uma atenção maior para a música. Há um gozo de mergulhar nessa densidade. Mas não é uma ilustração da música. No fundo continuamos a ter autonomia.

CG: É uma peça feita de micro-coreografias, muito diferentes entre si, no temperamento, ritmo, humor. Há momentos de teatralização, de forte composição de rosto e mãos. Há momentos em que parece que se interrompe o espectáculo e eles deixam de ser «figuras do teatro» para serem humanos, em que a peça ganha uma humanização e lembra o espectador que está perante pessoas.

PR: Construir é como a vida. Sim. É como a Montanha Russa da vida. Subimos e descemos, vamos para o lado e de repente caímos. Gosto de brincar com isso. Levo muito a sério essa composição da dramaturgia sem levar muito a sério. Para mim, é muito importante que aquela junção de energias chegue ao público, mas não pelo lado maior. É eles entrarem-nos pela casa dentro. A nossa casa interior. E também é uma questão expressionista. O expressionismo é como um grito interior, ao mesmo tempo que reivindica espaço. É a questão de um corpo que vai imensamente de dentro para fora, que é algo que está muito presente no meu trabalho.

(a autora escreve segundo o antigo Acordo Ortográfico)



Maurice Accompagné © Ana Rochanene

Paulo Ribeiro

Natural de Lisboa, Paulo Ribeiro iniciou os seus estudos em dança em Bruxelas e começou o seu percurso como bailarino em diversas companhias belgas e francesas.

Mas foi enquanto coreógrafo que acabou por desenvolver o seu percurso, estreando-se em 1984, em Paris, no âmbito da companhia Stridanse, da qual foi cofundador. Quatro anos depois, já em Portugal, começou a sua colaboração com a Companhia de Dança de Lisboa e com o Ballet Gulbenkian. A partir de 1991, o seu trabalho coreográfico expandiu-se no plano internacional, com a criação de obras para companhias de renome internacional como Nederlands Dans Theater; Grand Théâtre de Genève; Centre Chorégraphique de Nevers e Ballet de Lorraine.

Com a criação da Companhia Paulo Ribeiro, em 1995, o coreógrafo encontrou o espaço para afirmar a sua própria linguagem e trabalho de autor.

Foi comissário do ciclo *Dancem*, em 1996 e 1997, no Teatro Nacional São João e, em 1998, assumiu a Direção-Geral e de Programação do Teatro Viriato, em Viseu. Foi comissário para a Dança em Coimbra 2003 – Capital Nacional da Cultura. No mesmo ano, recebeu o convite para dirigir o Ballet Gulbenkian, um trabalho pelo qual seria premiado. Em 2006, após a extinção do Ballet Gulbenkian, regressou ao Teatro Viriato, para retomar a direção. Em 2014, foi

homenageado pela Câmara Municipal de Viseu com a Medalha Municipal de Mérito, pelo seu contributo de reconhecida importância para o concelho de Viseu. Manteve-se no cargo até 2016, data em que saiu para assumir a direção artística da Companhia Nacional de Bailado, a convite do Ministério da Cultura. Em 2019, lançou o projeto Casa da Dança, em Almada.

Em paralelo, participou como coreógrafo para diversas produções, nomeadamente no cinema, para o filme *La Valse*, de João Botelho.

A par do trabalho de criação, Paulo Ribeiro tem-se dedicado à formação, orientando vários *workshops* em Portugal e em países por onde a companhia tem passado. Leciona a disciplina de Composição Coreográfica, no âmbito do mestrado de Criação Coreográfica Contemporânea, promovido pela Escola Superior de Dança, e deu aulas no Conservatório Nacional de Dança.

Em 2022, regressou à direção artística da sua companhia e, em 2023, iniciou um novo capítulo em Cascais, onde a companhia passou a estar sediada, para dar continuidade ao trabalho de pesquisa, de criação, de produção, de difusão e de formação em dança contemporânea. Paulo Ribeiro assina uma obra plural com mais de 40 criações que tem sido distinguida com diversos prémios nacionais e internacionais de relevo, como o Prémio Acarte/ Maria Madalena de Azeredo Perdigão,

atribuído em conjunto com Clara Andermatt; o Prix d'Auteur nos V Rencontres Chorégraphiques Internationales de Seine-Saint-Denis (França); o New Coreography Award pelo Bonnie Bird Fund-Laban Centre (Reino Unido); o Prémio Bordalo da Casa da Imprensa; e o Prémio para Melhor Coreografia pela Sociedade Portuguesa de Autores.

Companhia Paulo Ribeiro

A Companhia Paulo Ribeiro é uma das principais companhias de dança contemporânea portuguesa, com reconhecimento artístico nacional e internacional.

Fundada em 1995 por Paulo Ribeiro, um dos principais rostos do movimento transformador Nova Dança Portuguesa, surgiu na sequência de vários anos de trabalho junto de algumas das mais prestigiadas companhias europeias e para dar espaço à sua voz artística. Ao longo destes 30 anos, a obra plural da companhia marcou presença regular nas principais salas de espetáculo nacionais, bem como pela Europa, Brasil e Estados Unidos da América.

Um percurso que convoca cerca de 40 produções e cuja linguagem contemporânea tem sido reconhecida com alguns dos mais importantes prémios nacionais e estrangeiros na área da dança, e documentada em dois livros: *Corpo de Cordas* (Assírio & Alvim, 2005), de Cláudia Galhós, e *Uma Coisa Concreta* (CPR, 2015), coordenado

por Tiago Bartolomeu Costa. Entre 1998 e 2022, a Companhia fixou-se no Teatro Viriato, em Viseu, cujo projeto criou e implementou e que Paulo Ribeiro dirigiu durante quase 20 anos.

Paralelamente, a companhia tem sido responsável por um importante projeto de formação e produção de ações educativas para o público escolar na área da dança.

Em janeiro de 2023, a estrutura passou a estar sediada em Cascais, para dar continuidade à sua missão de pesquisa, criação artística e circulação de espetáculos, bem como de formação e programação com ligação à comunidade local e às suas instituições.

JÁ A SEGUIR — DANÇA
21 E 22 FEV 2025

STATIC SHOT + A FOLIA
CCN – BALLET DE LORRAINE

Programa duplo do Centro Coreográfico Nacional – Ballet de Lorraine, com duas encomendas: *Static Shot*, de Maud Le Pladec e *a Folia*, de Marco da Silva Ferreira.

Static Shot é uma peça de Maud Le Pladec que combina coreografia, instalação cénica e cinema. Em clima de clímax contínuo, questiona tensões, êxtase e prazer, sustentando energia máxima num crescendo que convida o público a participar num êxtase sem fim.

a Folia revisita a tradição portuguesa do século XV, explorando êxtase, euforia e rebelião coletiva como forças culturais e artísticas. Inspirado na *folia* – dança de origem rural ligada a rituais de fertilidade e celebrações –, Marco da Silva Ferreira cria um encontro entre festividades do passado e danças contemporâneas.

***Static Shot* de Maud Le Pladec**
COPRODUÇÃO CCNO D'ORLÉANS

***a Folia* de Marco da Silva Ferreira**
PRODUÇÃO CCN – BALLET DE LORRAINE
COPRODUÇÃO MAFALDA BASTOS E P-ULSO

Sexta, 20h / Sábado, 19h
Grande Auditório
M/6

**MAIS
FRANÇA**

**INSTITUT
FRANÇAIS**

APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA PARA
A TEMPORADA 2024-2025



APOIO MEDIA

